

# Pedagogia Wolfsohn/Molinari para o Ensino da Música

*Profa. Dra. Paula Maria Aristides de Oliveira Molinari*

Universidade Federal do Piauí  
*paula.musique@yahoo.com.br*  
*paulamolinari@ufpi.edu.br*

**Resumo:** A pedagogia Wolfsohn/Molinari baseia-se no desenvolvimento vocal como lugar de aprendizagem. Inicialmente as condutas propostas por Alfred Wolfsohn foram utilizadas como uma forma de desenvolvimento vocal e, através dos estudos de Molinari (2013) chegou-se à definição da pedagogia. Apresentamos a Pedagogia Wolfsohn/Molinari para o ensino da música descrevendo os conceitos de base através dos principais autores que tratam do tema. O objetivo é difundir a pedagogia Wolfsohn/Molinari para a área da música e, de maneira mais dirigida, estimular a busca dos educadores musicais do Brasil pelo assunto através de uma descrição sintética do tripé que sustenta a pedagogia.

Palavras chave: Artes, Música, Educação

## Conceitos Iniciais

A pedagogia Wolfsohn/Molinari baseia-se no desenvolvimento vocal como lugar de aprendizagem. Inicialmente, as condutas propostas por Alfred Wolfsohn foram utilizadas como uma forma de desenvolvimento vocal e, através dos estudos de Molinari (2013), chegou-se à definição da pedagogia.

Para Molinari (2014), a pedagogia Wolfsohn está calcada na interseção resultante da psicanálise, da música, da filosofia e das artes plásticas, pensamento que pode ser visto na figura 1, a seguir:

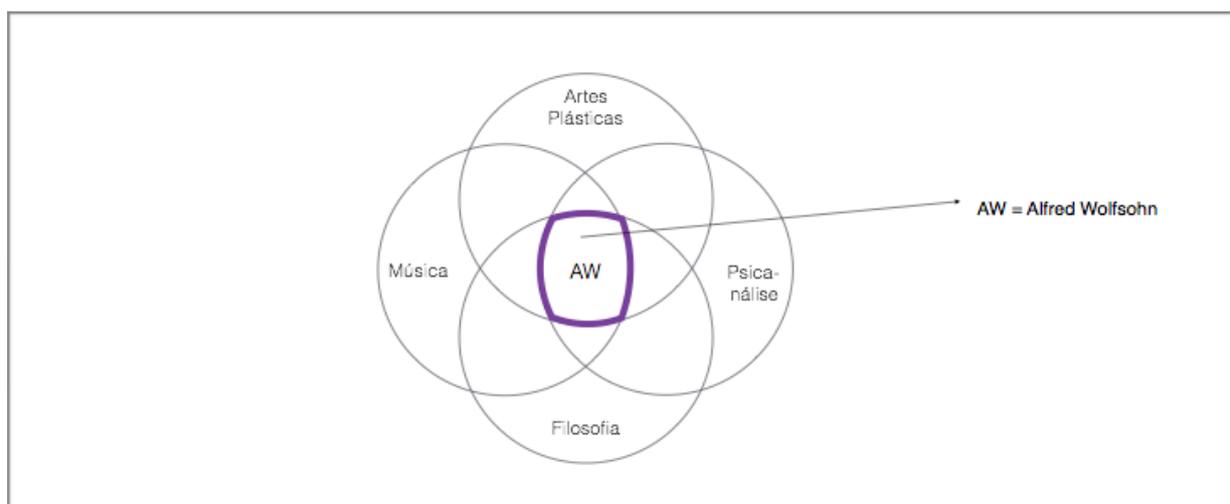


FIGURA 1 – Pedagogia Wolfsohn/Molinari

MOLINARI, 2014, p. 47

Na pedagogia Wolfsohn/Molinari a voz é particular e, ao mesmo tempo, histórica e social. Entende-se que pelo uso que fazemos da voz ela modula a cultura comum, articula características históricas e sociais e o ouvinte, então, é aquele que é capaz de captar tais modulações, não só no sentido musical mas, no sentido de uma escuta ativa que envolve sua própria cultura e que lhe é natural, sem esforço para captar isso, porque acontece naturalmente.

À partir do desenvolvimento da escuta dessas vozes age o pedagogo que se pauta por Wolfsohn/Molinari.

### O Tripé da Pedagogia Wolfsohn/Molinari

Apresentamos os apontamentos pedagógicos norteadores: i) não se classifica a voz, se a apreende; ii) a construção do setting educacional e iii) interpretação e condução do som sugerido.

Com relação ao primeiro apontamento, para Molinari (2014, p. 61):

Do lugar de professor, numa análise perceptivo-auditiva, quando a voz não apresenta traços de harmônicos graves nos agudos ou, em oposição, harmônicos agudos nos graves, é preciso guiar o aluno em direção a isso, e o passo inicial culmina na ampliação da tessitura para além dos limites da classificação vocal. (MOLINARI, 2014, p.61)

O que a autora quer quando apresenta essa afirmação é explicitar um dos passos mais importantes para o educador quando do uso da pedagogia em pauta. Parte de uma minuciosa descrição que aqui pretendemos apresentar sinteticamente. A escuta da voz do aluno e a sua (do aluno) leitura na busca de significados faz com que o professor necessite do desenvolvimento de uma escuta que inclui mais do que o sentido, *stricto sensu*, de ouvir, é ver, ouvir, sentir, perceber. A autora elucida que para Wolfsohn (Wolfsohn *apud* Molinari, 2014, p. 61) o olho é uma orelha transformada.

A escuta busca identificar o que se denominam traços originários comuns, que significam a junção de duas porções de experiência, a do ouvinte e a do sonante, e que exigem do ouvinte, que nesse momento é o professor, uma observação aguçada que possa estabelecer uma conexão real entre sua mente e o objeto e que possa indicar o originário, entendido como o ponto comum entre os dois. Busca-se identificar o lugar de reconhecimento de um no outro, a alteridade, que para o estudo da pedagogia é tomada como a secundidade na relação triádica tricotômica peirciana (Peirce *apud* Ibri, 1992, p. 4). Daí a condição mais importante: o professor precisa ter experiência e, detalhamos, experiência como aquela cotidiana, de todo ser humano que, associada à repetição do fazer próprio da escuta inserida na pedagogia, dá subsídios ao educador. Para Peirce (Peirce *apud* Ibri, 1992, p. 5-6) a experiência precipita e filtra falsas idéias, deixando a verdade verter. A condição para isso é abrir os olhos mentais e buscar as características que nunca estão ausentes.

Quanto a buscar agudos nos graves e graves nos agudos, como mencionamos na citação que encabeça esta descrição, significa dizer que pela escuta e identificação desses harmônicos na voz do aluno, baseado na ideia de complementaridade existente entre opostos, atribuída ao pensamento oriental, o primeiro passo se dá. Partindo dessa escuta dirigida aos harmônicos graves e agudos o educador parte em sua jornada junto à condução do aluno.

Os elementos a classificar não indicarão o tenor ou a voz de contralto, mas, elementos de uma voz que diz algo sem precisar de palavras, uma classificação de sentido e para isso, é condição indispensável tão somente a escuta e a classificação possível à partir de uma experiência que já foi apreendida, realizada em canto e possível de ser descrita de maneira a ser compreendida por outro em alguma tradução. Regra geral, a tradução se dá em palavras porém, pode ser em qualquer linguagem artística.

A pedagogia Wolfsohn/Molinari funda-se numa abertura das clausuras interiores. Para isso, para que a jornada ocorra em solo seguro, dá-se o que se apresenta como segundo apontamento pedagógico: a construção do *setting* educacional.

Para uma definição recorreremos outra vez a Molinari:

*Setting* educacional designa não só o lugar físico do aprendizado, mas todo o ambiente, o tipo de acolhimento e a preparação do espaço em que transcorrem as experiências, no mundo psíquico e fora dele, além da relação professor-aluno. Procuro com isso reforçar que uma das características desse fazer é que o aluno decide o objeto e percorre o caminho guiado pelo professor, que vislumbra um lugar aonde chegar. Esse lugar tornar-se-á o objetivo, mas pode ser o objeto do encontro seguinte. (MOLINARI, 2014, p 65)

O *setting* educacional é constituído por vínculos, por acolhimento, pelo conjunto de atitudes do professor, inclusive aquelas que expressam cuidado com aluno e como afirma Molinari (2014, p. 65), com cada detalhe que perpassa a relação. Salientamos a importante compreensão da visão de corpo, já que se constitui pré-requisito para o estabelecimento do *setting* educacional. Nas palavras de Molinari:

Trata-se da dinâmica com a qual a voz – a que chamaremos didaticamente, ao menos por hora, de vozcorpo – é explorada a partir de uma relação de integração entre as duas vozescorpos, a do professor e a do aluno (...) e que se coloca para nós naquilo que o aluno realiza ao exalar som vocal, ao vocalizar, e que, sob o acompanhamento atento do professor (...) imprime sentido ao som que elege para essa experiência de várias semioses e que é passível de tantas traduções, até porque, é a dilatação do ser no mundo. (MOLINARI, 2014, p. 86)

Essa vozcorpo que a autora nos faz chegar, imprime uma compreensão de não dissociação que também inscreve a voz numa materialidade necessária para o estudo e reafirma a questão do olho como uma orelha ampliada. Ora, quando vozcorpo soa, a percepção do educador se abre à totalidade e lhe dá subsídios para as condutas que constituem o fazer da pedagogia Wolfsohn/Molinari.

Molinari (2014, p. 49) afirma que a voz para Alfred Wolfsohn não é o som produzido pela laringe, mas o núcleo que revela a pessoa. Assim, a pedagogia Wolfsohn/Molinari, criva suas raízes no desenvolvimento humano como origem de qualquer expressão artística fazendo soar e revestir-se de sentido para o aluno quando, como explica Molinari (2014, p. 49), faz a conexão entre o profundo e o superficial.

A pedagogia Wolfsohn/Molinari afirma que toma a vocalidade como historicidade de uma voz e remete o conhecimento de vocalidade ao desenvolvido por Zumthor (1993).

Para a liberação dessa voz o conceito de *setting* educacional é para nós um ponto que merece destaque quando dá lugar a uma noção importante na relação ensino-aprendizagem, de maneira geral, ou melhor dizendo, válida não somente para o ensino da música mas, sim, para o ensino. Molinari (2014, p. 86-87) conclui:

Assim, o setting educacional contempla desde o antes da aula até o momento em que, na aula, a percepção do que será tocado é de conhecimento de ambas as partes. Nesse ponto, se desenvolve o trabalho, independentemente de lugar geográfico, idioma, diferença cultural, profissão, classe social, idade, religião ou outra condição que possa separar duas pessoas. (MOLINARI, 2014, p. 86-87)

Parece-nos importante marcar essa afirmação como ponto da pedagogia que demarca uma visão que ao mesmo tempo que é óbvia na relação ensino-aprendizagem, necessita de instrumentos adequados para que se realize de maneira a transformar a necessidade de aceitação das diferenças em fazer real, distanciando-se do paradigma da existência de algo que se dá em ideal mas, que não se institui no espaço de aprendizado.

O problema que se instala parece ser a necessidade de assumir os aportes que conduzem a interpretação dos sentidos vocalizados, por parte do fazer do professor. Daí vem o terceiro apontamento pedagógico e que então, trabalha com os conceitos de interpretação e condução do som sugerido.

A interpretação definida na pedagogia Wolfsohn/Molinari percorre a mitologia grega para aclarar-se. Começa Molinari, por apresentar o fato de que para afirmar que existe sentido em algo é necessário que exista memória (MOLINARI, 2014, p. 87). A memória compreendida como Mnemosyne que é mãe das musas e que, por sua vez, as musas, tinham a função de presentificar o passado. Em Molinari (2014, p. 88):

Entendendo as musas como música, a voz, que é phoné e é igual a sopro – que é criadora, que dá vida –, realizada em canto, é a união da criação com a musa. Portanto, o canto tem seu status marcado pelo poder de presentificar o passado. As musas tinham na voz o poder de fazer lembrar ou fazer esquecer. Na Grécia de que tratamos agora, só se consegue a verdade na voz das musas. O que continua no esquecimento é a mentira. Portanto, memória é verdade. As musas cantavam e dançavam o poema para o poeta, o Aedo, que manjava o logos (verbo, palavra) e interpretava o poema em performance. Performance como ação efêmera, porque única e irrepitível. A performance nunca se repete, ainda que se repita seu material. Esse momento de exposição da voz (phoné) que foi libertada de alguma clausura e é exteriorizada pela música (musa) em performance pelo aluno é absorvido pela escuta do professor, que está, ao mesmo tempo, construindo o setting educacional. Agora, ele vai além e sugere um caminho que escolhe ao receber o som do aluno e reagir a esse som com sua própria voz (vozcorpo). Na memória de seus registros de experiência – igualmente de libertação de suas clausuras pessoais –, pode encontrar algum sentido que o leve a decidir que caminho tomar. Isso ajuda a construir a acepção da palavra interpretar aqui. (MOLINARI, 2014, p. 87-88)

Através dessa definição, os três apontamentos pedagógicos criam uma unidade que delimita uma necessidade: a pedagogia Wolfsohn/Molinari alcança plenitude de compreensão

somente na e com a experiência. Não há como aplicar o terceiro apontamento pedagógico sem antes ter se submetido ao discipulado.

## Sobre o discipulado na Pedagogia Wolfsohn/Molinari

A base do discipulado está, ao menos para o ocidente, na pedagogia judaica e cristã quando toma a bíblia como fonte. Deuteronômio 6 para o judaísmo e o novo testamento para o cristianismo.

Wolfsohn era judeu não ortodoxo e Molinari uma cristã não ortodoxa. A junção dessas duas formas de existência derrama sobre o fazer e sobre a leitura do fazer, perspectivas complementares. A busca por uma educação integradora, formadora e que respeita o outro sem hierarquizar, do ponto de vista da dominação, o aluno em relação ao professor, eram catalisadoras da busca de respostas na vida de ambos. Daí, o desenvolvimento do discipulado se dá sem maiores complicações.

Molinari (2008, p.14) afirma sobre Wolfsohn, quando fala de seu próprio período de discipulado sob orientação de uma das discípulas diretas de Wolfsohn:

...um momento de não professor era raro. Ele estava sempre pensando enquanto saía para uma caminhada com você, jogando cartas ou simplesmente conversando. (MOLINARI, 2008, p.14)

Para o discipulado o importante é a relação estabelecida. Não há momento propício porque todos os momentos são propícios. O lugar do aprendizado é a dinâmica estabelecida entre o discípulo e o discipulando. No caso do discipulado cristão há a aceitação do mestre, Jesus, e a instituição de uma conduta que o revele. Em Wolfsohn/Molinari ocorre a aceitação de um com ele próprio, estabelecida no encontro com a realidade a ser conhecida, que se dá na alteridade professor-aluno. Ambos sabem que aprendem e ambos sabem que o professor acompanha o aprendizado daquele que se entrega ao aprendizado porque está imbuído da experiência. Não é uma relação de poder. MENDES; PIMENTEL (2014, p. 6) ao falarem da pedagogia judaica, afirmam que conhecer não é apenas observar e saber, mas sobretudo, encontrar, experimentar e participar e que assim sendo, não se toma posse do “objeto cognoscível” mediante a mente ou a idéia somente, mas o “sujeito cogniscente” busca a sua autonomia pelo encontro íntimo com a realidade a ser conhecida.

O discipulado previsto na construção do conhecimento em Wolfsohn/Molinari encontra ecos também na pedagogia de Paulo Freire quando, segundo GIACÓIA; MOLINARI (2011, p. 97):

Apesar de realidades totalmente distintas, podemos tecer algumas aproximações entre Alfred Wolfsohn e Paulo Freire no que diz respeito à aprendizagem por meio das inter-relações pessoais, da aprendizagem à partir de seu próprio mundo em relação com os outros. Na leitura dos dois autores vemos que a cultura própria de cada ser humano é valorizada. Lembramos que aqui não reconhecemos escolaridade como sinônimo de cultura e sim, que um ser não pode viver sem a cultura do outro. Partindo desse pressuposto o trabalho grupal ganha força e resignificação quando serve para potencializar os saberes coletivos como forma de aquisição de conhecimento e troca cultural. (GIACÓIA; MOLINARI, 2011, p. 97)

O essencial é a manutenção do foco numa educação que emerge do conhecimento de si para o conhecimento do outro e, por sua vez, em contato com o outro re-estimula, re-elabora e refaz o conhecimento de si nos diversos tempos da existência de cada um. O trabalho em grupo, nessa perspectiva é também parte indispensável do processo. Nele o canto é a forma pela qual se desenvolve o trabalho.

## Sobre o canto na Pedagogia Wolfsohn/Molinari

Alfred Wolfsohn afirma que no cantar o ser se revela e mais, amplia a noção de canto:

...trata-se de cantar e, por isso, tanto faz de onde soa sua voz, se de um livro, de uma pintura, de uma canção. Trata-se do mistério que há por trás da voz, que é sempre o mesmo e do qual se pode adivinhar talvez a maior sabedoria, que não vem da cabeça, como a inteligência, mas de um centro localizado mais profundamente. (Molinari, 2013, p. 17, tradução nossa).

Essa afirmação de que tanto faz de onde soa sua voz, dá-se porque situa-se na expressão após uma experiência, contemplada no tripé da pedagogia. O resultado desse exalar, a expressão, é canto e mais, para Molinari (2014, p. 90) é com a música que se liberta a voz de sua clausura.

Vocalidade e música resultam em canto na perspectiva de Wolfsohn/Molinari.

Para elucidar isso recorre-se a Chabanon *apud* Tomás (2011, p. 108-109):

[...] as expressões e as palavras são apenas signos convencionais das coisas, ou seja, tendo sinônimos e equivalências, essas palavras e expressões se deixam facilmente substituir por estes; mas, na música, os sons não são os signos que exprimem o canto, eles são o próprio canto. O que fazemos quando imaginamos a frase de uma melodia? Dispomos os sons de tal ou tal maneira e, uma vez determinado o canto, a disposição dos sons também o é, necessariamente. Daí conclui-se que, na música, nunca se pode exprimir obscuramente o pensamento. Cantamos e anotamos os sons que temos em mente, e estes não são a expressão da coisa, eles são a própria coisa (Tomás, 2011, p. 108-109).

O que se busca reafirmar é esse pensamento de que os sons são a própria coisa, como bem elucida Chabanon. Isso se vê na exposição de Alfred Wolfsohn (s.d.a, p.55):

[...] as the meaning of life became questionable for me, so became the meaning of art, without in any way diminishing the validity of works of art. For me, what was shaken was the concept of art in its interpretation as an unreality, the idealism of which stood in opposition to the realism of everyday life. This discrepancy only lost its frightening aspect when a sudden inspiration made me understand that the language we use in our daily life is not used as it appears to us optically on the page, but that it is always audible in some kind of intonation, founded however tenuously on the base of music. (Wolfsohn, s.d.a, p. 55).

[...] quando o significado da vida tornou questionável para mim, também questionei o significado da arte sem minimizar a validade das obras de arte. Para mim, o que era instável era o conceito de arte em sua interpretação da irrealidade, o idealismo em oposição ao realismo da vida diária. Essa discrepância perdeu seu aspecto temível quando uma súbita inspiração me fez entender que a linguagem que usamos em nossa vida diária não aparece como vemos opticamente na página, mas que sempre é audível com algum tipo de entonação, baseada de forma tênue sobre a música. (WOLFSOHN, s.d.a, p. 55)

Ainda que a pedagogia Wolfsohn/Molinari seja citada como uma pedagogia para o desenvolvimento da criatividade, a música é a personagem essencial de todo o processo daí, torna-se uma incoerência não utiliza-la e explorá-la para o ensino da música buscando reflexões, aplicações, conjeturas, trocas de experiências em distintos lugares e, conseqüentemente, realidades.

## Últimas Considerações

De alguma, forma falar da pedagogia Wolfsohn/Molinari em pleno auge de relações virtuais parece-nos muito adequado já que propor a valorização do contato com o outro numa dinâmica entre observador e observado, como o que o tripé da pedagogia propõe a todo tempo, pode constituir o equilíbrio almejado nas formas de relação que cercam o ser humano em nossa atualidade.

Valorizar a escuta, estabelecer a sensibilização das percepções de si e do outro, buscar um ponto de neutralidade para a compreensão dessas mesmas relações, condutas e valores sociais, culturais, históricos, espirituais, estéticos e pessoais não é prescindível a nenhum sistema educacional.

Acreditamos que a inclusão da pedagogia Wolfsohn/Molinari como âncora de estruturas curriculares dos cursos de formação de professores de música possam contribuir positivamente para a educação musical brasileira e latino-americana.

## Referências

GIACÓIA, Luciano Rogério Destro. e MOLINARI, Paula [on line]. *Wolfsohn and Hart Voice Work. em Busca da Expressão Artística: uma perspectiva pedagógica a explorar*. In: Revista Eletrônica de Educação e Ciência. ISSN 2237-3462. Disponível em [http://www.fira.edu.br/revista/edicao\\_2011\\_1\\_1.html](http://www.fira.edu.br/revista/edicao_2011_1_1.html)

IBRI, Ivo Assad. *Kósmos Noëtôs: a arquitetura metafísica de Charles. S. Peirce*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

MENDES, Eber da Cunha e PIMENTEL, Sebastião. *A Educação Informal das Pedagogias Judaica e Cristã*. Disponível em:<[cursosocrescer.com/.../aeducacaoinformalnaspedagogiasjudaicaecrista.doc](http://cursosocrescer.com/.../aeducacaoinformalnaspedagogiasjudaicaecrista.doc)>. 31/08/2014.

MOLINARI, Paula. *Alfred Wolfsohn na Obra de Charlotte Salomon: uma cartografia que emerge da voz*. 27.02.2014. 104 p. Tese. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2014.

\_\_\_\_\_, Paula. *Orfeu: ou caminho para a máscara* [traduzido do espanhol ao português]. [arquivo pessoal] 2013.

\_\_\_\_\_, Paula. *Conhecer e Expressar o Indizível: o legado de Alfred Wolfsohn*. Campo Limpo Paulista: FACCAMP. 2008.

TOMÁS, Lia. *À procura da música sem sombra: Chabanon e a autonomia da música no séc. XVIII*. São Paulo: Unesp/Cultura Acadêmica, 2011.

WOLFSOHN, Alfred. *Orpheus: or the way to a mask*. Trad. Sheila Braggins. Prefácio de Jay Livernois. s.d.a [arquivo pessoal]

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: a “literatura” medieval*. Trad. Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.